

1. Introdução

Esta monografia mostra peças da literatura sobre violência sem a intenção de cobrir um vasto e bem explorado campo, em especial quanto a expressões e sentidos sobre violência na sociedade nestes tempos e modelagens disciplinares – filosóficas, sociológicas, psicológicas e culturais. Também não se pretende ver em profundidade o plano ontológico e epistemológico sobre violência em si. O fio condutor a qual se desenvolve, trata-se de uma literatura que combine violência e educação, sublinhando a recorrência à ética ou à educação para valores e a importância para política.

Em todo o mundo ocidental moderno, a ocorrência de violências nas escolas, não é um fenômeno recente. Este, além de constituir um importante objeto de reflexão, tornou-se antes de tudo, um grave problema social. Algumas dessas notáveis transformações foram: o surgimento de armas nas escolas, inclusive armas de fogo; a disseminação do uso de drogas e a expansão do fenômeno das gangues, influenciando na rotina das escolas, eventualmente associadas ao narcotráfico; o fato de que as escolas e suas mediações deixaram de ser áreas protegidas ou preservadas e tornaram-se, por assim dizer, incorporadas à violência cotidiana do espaço urbano. Ademais, as escolas deixaram, de certa forma, de representar um local seguro e protegido para os alunos e perderam grande parte dos seus vínculos com a comunidade.

A contribuição de ARENDT (1994, 2001), como debate de uma literatura própria que, portanto, traduz o lido, consideram-se de interesse as questões que buscam pistas para dar conta da diversidade do discurso reflexivo sobre violência nas escolas, corporificadas em uma geração e o lugar da educação quando se discute tal tema, advogando, implicitamente, a importância de estudos comparativos e análises conjugadas, já que, por mais que nos indignem e alarmem as estatísticas e notícias sobre violências, hoje, não se tem o monopólio da violência, ao contrário, ao se definir a violência no Brasil, a classificação do país entre outras nações, varia.

Como não poderia deixar de ser, mudou também o foco de análise do fenômeno, em comparação aos primeiros estudos. Inicialmente, a violência nas escolas, era tratada como uma simples questão de disciplina. Mais tarde, passou a ser analisada como manifestação de delinquência juvenil, expressão de comportamento antissocial. E hoje, é percebida de maneira muito mais ampla, sob perspectivas que expressam fenômenos como a globalização e a exclusão social, os quais requerem análises não restritas às transgressões praticadas por jovens estudantes ou às violências das relações sociais entre eles.

A sociedade brasileira, por sua vez, vem se deparando com um aumento das violências nas escolas, sendo diversos os episódios envolvendo agressões verbais, físicas e simbólicas aos atores da comunidade escolar, fato que despertou as atenções das diversas instâncias governamentais, dos organismos internacionais e da sociedade civil.

No âmbito dessas preocupações e correspondentes esforços se situa esta pesquisa, cujos objetivos podem ser descritos em sentido amplo, como identificar e analisar as percepções de alunos, do corpo técnico-pedagógico e dos pais sobre a violência nas escolas e suas causas; descrever a frequência e a gravidade dos incidentes; avaliar seu impacto sobre a aprendizagem; identificar os mecanismos adotados e/ou recomendáveis, de prevenção, redução e erradicação do problema.

Para a realização deste estudo adotou-se a concepção abrangente de violência, não apenas a ideia da utilização da força ou intimidação, mas também as dimensões sócio-culturais e simbólicas do fenômeno em questão. Exatamente a fim de referir-se à pluralidade das dimensões envolvidas, este trabalho adotou a expressão 'violência nas escolas', que tem a vantagem adicional de situar o fenômeno não em um sistema institucional, genericamente considerado, mas contemplar a especificidade espacial e temporal de cada uma das suas unidades.

Assim, se é possível pensar em múltiplas manifestações que justificam falar de 'violências', é também admissível supor que estas tenham lugar em estabelecimentos – escolas – onde poderiam variar em intensidades, magnitude, permanência e gravidade.

Visando a proporcionar uma melhor compreensão do tema, esta pesquisa foi dividida em três capítulos, sendo abordada, primeiramente uma contextualização da violência, elencando-se os vários significados que são dados e as distintas hipóteses sobre o fenômeno.

Um capítulo é destinado aos tipos de violência escolar, dando ênfase exatamente à violência que penetra na escola e degrada o ambiente escolar.

Aponta-se também, a necessidade de categorizar as manifestações do fenômeno, segundo olhares dos informantes, para uma melhor forma de compreensão, pois o amplo e variado leque de concepções de violência, indica uma multiplicidade de experiências dos jovens alunos, professores e corpo técnico-pedagógico, mostrando situações consideradas violentas, como, ameaças, brigas, violência sexual, uso de armas, roubos e furtos e depredação da escola.

No último capítulo, apresenta-se um estudo aprofundado dos motivos, das causas pelos quais as escolas aparentam estar mais ou menos afetadas pela violência. Dentre essas causas, destacaram-se a alteração da rotina escolar em virtude da presença de gangues e drogas em sua proximidade, a caracterização da vizinhança da escola: presença de bares, jogos de vídeo game, e as formas de segurança porventura existentes.

Na verdade, a abrangência do fenômeno é tal que, praticamente, todas as relações possíveis no ambiente escolar são afetadas: entre alunos, professores, funcionários e pais. Portanto, todos esses atores e suas relações sociais, devem ser considerados, na medida em que influem profundamente na implementação de Políticas Públicas, cujo foco recai diretamente sobre a escola.

A pesquisa aqui apresentada, recorreu a duas abordagens complementares e distintas, tanto nas estratégias adotadas como nos seus resultados. Para isso, foram aplicados questionários fechados a alunos, professores e pessoal técnico-administrativo; entrevistas com alunos, professores e gestores; entrevistas individuais abertas com diretores; vigilantes e coordenadores de disciplinas e roteiro de observação das escolas pesquisadas.

As entrevistas realizadas permitem aos informantes descrever o que consideram significativo ou importante, usando critérios próprios e palavras próprias, sem ficar restritos a determinadas categorias fechadas. O entrevistador esclarece aos informantes sobre o exato significado do que pretende conhecer, tornando assim, as perguntas mais acuradas e as respostas mais fidedignas. É possível com este tipo de pesquisa – a entrevista – a possibilidade de comparações, além de propiciar análises mais sistemáticas e gerais das informações obtidas.

Quanto ao roteiro de observações das escolas, foram realizadas três a quatro visitas para cada escola, as escolas eram, uma da cidade de Fortaleza, Escola Tristão de Alencar (Ensino Fundamental); uma da cidade de Eusébio, Escola Evandro Ayres de Moura (Ensino Fundamental) e uma escola estadual, Escola Ana Bezerra de Sá (Ensino Médio). Este instrumento abordava a maioria dos aspectos físicos das escolas, comportamento dos alunos, professores e demais funcionários no ambiente escolar, dentro e fora da sala de aula.

A pesquisa que sustenta este trabalho, abrange um conjunto diversificado de instrumentos, aplicados a um número restrito de escolas, porém significativo. Considerando que se realiza a pesquisa em três escolas, constata-se que para a realização das entrevistas, foram entrevistados 50 alunos para cada escola. Entre as técnicas utilizadas, vale ressaltar que, a compreensão pelo tema abordado, requer um olhar especializado, exatamente porque ela representa, em si, um elemento que demanda atenção especial no processo de socialização. Portanto, cuidar deste tema, significa trabalhar para desconstruir fontes de violências, bem como sua multiplicação em outros tempos e lugares, arriscando o hoje e o amanhã.